

200 ANOS DE IMPRENSA NO BRASIL

APRESENTAÇÃO

E A IMPRENSA TAMBÉM TEM O SEU DIA

Até 1999 as comemorações do Dia da Imprensa aconteciam no dia 10 setembro, que marca o início da circulação da Gazeta do Rio de Janeiro a partir de 1808. Em 1998, no editorial do programa de TV "Observatório da Imprensa", o jornalista Alberto Dines lançou a idéia de que a data mais apropriada seria o dia 1º de junho, que marca a entrada em circulação do Correio Braziliense de Hipólito José da Costa.

A polêmica estava feita, especialmente depois de ter sido encampada pelo então deputado federal pelo PSDB gaúcho, Nelson Marchezan, que logo encaminhou o projeto de lei para a mudança da data comemorativa. A lei seria logo sancionada logo pelo então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. Na época comentou-se de que além de uma deslavada intenção em atrair os holofotes da mídia, os encampadores da proposta também eram movidos pelo característico bairrismo gaúcho: Hipólito José da Costa nasceu na província de Sacramento, que em verdade pertence ao Uruguai, mas que na época século XVIII), pertencia à província Cisplatina.

Pouco mais de um ano depois do editorial de Alberto Dines o Decreto Lei nº 9.831, de 13 de setembro de 1999 era

sancionado por FHC. O Dia da Imprensa passou então a ser comemorado no dia 1º de junho. A FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas) apoiou a mudança por compartilhar dos mesmos argumentos sustentados por Alberto Dines. A ANJ (Associação Nacional dos Jornais) também engrossou o coro pela mudança da data, porém atribuiu-se uma possível contaminação dos interesses pessoais e empresariais do então presidente desta associação, Paulo Cabral, que era diretor do Correio Braziliense, jornal atual que é publicado em Brasília. Críticos alegam que a data aumentou o valor da marca deste periódico originário dos Diários Associados e serviu de promoção pessoal para Cabral.



Estátua de Hipólito José da Costa no Monumento à Independência - de Ettore Ximenes em São Paulo.

Polêmicas à parte, a própria definição de uma data para a comemoração do Dia da Imprensa revela o quanto este tipo de atividade guarda profundas implicações no contexto do funcionamento político e institucional da sociedade contemporânea. Quando escrito segundo os parâmetros da verdadeira vocação libertária da imprensa, o jornalismo é uma atividade que provoca alterações na sociedade. É essa possibilidade de construção de um debate público livre sobre as demandas da própria comunidade o motivo maior das comemorações do dia de hoje. Parabéns a todos nós que produzimos o jornalismo diário, mas parabéns de um modo especial para esse elo fundamental que sustenta toda a razão de ser da imprensa que é o leitor do jornalismo diário. Essa festa só é verdadeiramente nossa se compartilhada com nossos leitores.

Seja no dia de hoje, 1º de junho, ou então em 10 de setembro, o que se coloca como sentido maior das comemorações do Dia da Imprensa é a oportunidade de acesso livre à informação como direito inalienável de todo e qualquer cidadão. O sentido da democracia moderna está intrinsecamente vinculado a esta condição. São 200 anos de imprensa no Brasil, indiferentemente se comemorados agora no começo de junho ou na segunda semana de setembro. Parabéns a todos que vêem na imprensa a expressão de um dos mais significativos valores modernos: a liberdade. ■

Museu Hipólito José da Costa em Porto Alegre

DIA DA IMPRENSA

UMA VOCAÇÃO PARA A LIBERDADE NA ORIGEM DO JORNALISMO BRASILEIRO

O Dia da Imprensa comemora a fundação do Correio Braziliense, jornal criado por Hipólito José da Costa

O dia de hoje é especial para todos os profissionais envolvidos com a grande aventura que é o jornalismo diário. A data de 1º de junho marca as comemorações do Dia da Imprensa. Foi nesse dia que circulou pela primeira vez o Correio Braziliense (conhecido também como Armazém Literário), fundado por Hipólito José da Costa em 1808. Hoje, portanto, é o aniversário de 200 anos do nascimento da imprensa.

Apesar do Correio Braziliense não ser impresso no Brasil, Hipólito da Costa é considerado o pioneiro da imprensa política em língua portuguesa. Nascido na Colônia de Sacramento em agosto de 1774, cidade que naquela altura do século XIX pertencia à província incorporada da Cisplatina hoje Uruguai), Hipólito começou seus primeiros estudos em Porto Alegre, formando-se mais tarde já na Universidade de Coimbra em leis e filosofia.

O Correio Braziliense era uma publicação mensal em forma de brochura com mais de 100 páginas. Rodado em Londres, Hipólito o redigia sozinho. Era uma publicação que entrava no Brasil de forma clandestina, pois havia então o monopólio de impressão restrito à Coroa e sua Imprensa Régia. A circulação de jornais em terras brasileiras era estritamente proibida.

A Imprensa Régia foi criada pouco antes do Correio Braziliense, em 13 de maio do mesmo ano por D. João VI. Instalada a Corte no Rio de Janeiro, toda e qualquer publicação que porventura viesse a ser im-

pressa no Brasil passava por censura prévia. A Coroa Portuguesa temia que a liberdade de imprensa no Brasil pudesse abrir caminho para os ideais libertários da Revolução Francesa. Em 10 de setembro de 1808 a Imprensa Régia começa a publicar a Gazeta do Rio de Janeiro, o primeiro jornal impresso de fato no Brasil - publicação semanal que trazia em suas 4 páginas principalmente comunicados e documentos oficiais além de notícias sobre a realeza européia.

Embora a Gazeta do Rio de Janeiro tenha sido de fato o primeiro jornal produzido em terras brasileiras, seu conteúdo era exclusivamente dirigido aos portugueses e seu tom editorial era oficial. O jornal produzido por Hipólito da Costa assume assim a condição de marco fundamental por ter sido a primeira forma de imprensa a exercer um papel crítico na construção de uma identidade nacional. Hipólito da Costa apoiou eventos como o levante liberal que ocorreu na cidade do Porto em 1820 e era também contra a escravidão.

Libertário por vocação, Hipólito da Costa viveu nos Estados Unidos de 1798 a 1800 - período em que ingressou na maçonaria. Na época o jovem que havia terminado há pouco seus estudos tornou-se enviado especial da Coroa Portuguesa na Filadélfia, com a tarefa de estudar os métodos de produção industrial desenvolvidos pelos americanos. De volta a Portugal foi perseguido e preso pela Inquisição por difundir os ideais maçônicos. Depois de dois anos no cativeiro, finalmente conseguiu fugir de Portugal, vindo a exilar-se definitivamente na Inglaterra sob a proteção do príncipe de Sussex - na época, grão mestre da maçonaria britânica.

O tom dos textos de Hipólito da Costa era abertamente crítico em relação aos membros da nobreza de Portugal e autoridades que se transferiram para o Brasil junto com a Corte. Tanto que a própria Coroa Portuguesa irá apoiar a publicação de outro jornal também rodado

em Londres com o intuito de combater o Correio Braziliense: O Investigador Portuguez em Inglaterra, do embaixador de Portugal em Londres e inimigo declarado de Hipólito da Costa, Bernardo José de Abrantes e Castro, o conde do Funchal.

Até 1999 o Dia da Imprensa era comemorado no dia 10 de setembro - data da fundação da Gazeta do Rio de Janeiro. Como este jornal era essencialmente órgão de divulgação da Coroa, e não de forma mais categórica uma expressão autêntica de prática jornalística, a partir de então José Hipólito da Costa passou a ser considerado o Patrono da Imprensa Brasileira e a comemoração foi transferida oficialmente para o dia 1º de junho - data de fundação do Correio Braziliense. Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça esse era seu nome completo) morreu em 11 de setembro de 1823, em Londres.

Algum tempo antes de sua morte, em 1821 surge então no Brasil o primeiro jornal verdadeiramente informativo - o Diário do Rio de Janeiro. No ano anterior o Diário Braziliense havia começado a entrar oficialmente no país com a revogação do monopólio da imprensa pela Coroa - fato que se deve em grande parte ao impacto causado pelo Levante do Porto e demais acontecimentos associados ao episódio e que vão contribuir decisivamente para a Independência do Brasil. Com notícias sobre crimes, demandas, movimentos de navios, preços, anúncios e, sobretudo, os de leilões, venda e fuga de escravos, o jornal vai durar de 1821 a 1878.

O correio Braziliense durou de 1808 a 1822. A partir daí começam a aparecer outros prelos tipográficos pelo país. Uma imprensa legitimamente brasileira ensaiava a autonomia de seus primeiros passos. Hoje os restos mortais de Hipólito José da Costa estão no Museu da Imprensa Nacional em Brasília. ■

O QUE FOI O LEVANTE LIBERAL DO PORTO

Quando foi decretada a Abertura dos Portos às Nações Amigas, em 28 de janeiro de 1808, há apenas quatro dias depois da chegada da Família Real ao Brasil, isto deixou a burguesia portuguesa descontente com a nova política do então príncipe regente D. João VI. A origem do problema estava no fato de que a decisão deslocava o foco da economia para o contexto da colônia.

Em 24 de agosto de 1820 foi iniciado o movimento reivindicatório pelo pagamento da guarnição na cidade do Porto, que logo encontrou apoio de comerciantes que estavam insatisfeitos com os rumos da economia na metrópole. Mais tarde até mesmo membros da nobreza e do clero vão declarar apoio ao movimento que, entre outras coisas, pedia a restauração do monopólio colonial do comércio com o Brasil, o estabelecimento de uma monarquia constitucional como regime político e, acima de tudo, o imediato retorno da família real para Portugal.

O movimento conseguiu derrubar a junta de governo de Lorde Beresford e instaurar outra junta, agora de caráter provisório, até o retorno da família real. Como consequências do acontecimento, o grupo que liderou a articulação do movimento conseguiu provocar o retorno de praticamente toda a corte para Portugal, ficando no Brasil apenas Dom Pedro I, na condição de príncipe regente. O acontecimento foi decisivo no contexto dos eventos que contribuíram para a independência do Brasil. ■

O RADICAL DA INDEPENDÊNCIA

CIPRIANO BARATA - É A VEZ DO SENTINELA DA LIBERDADE

Figura emblemática do jornalismo combativo brasileiro em seu nascimento, Cipriano Barata faz parte da primeira geração de jornalistas do Brasil. Sua carreira no jornalismo começa em 1822 na Gazeta de Pernambuco. No ano seguinte funda o jornal "Sentinela da Liberdade" na Recife do ano de 1823, e, até mesmo quando estava no cárcere, nunca deixou de escrevê-lo. Em função de seus fortes ataques à Coroa Portuguesa, preconizando a separação do Brasil, Cipriano Barata era preso constantemente, e, como punição era transferido de cidade. Em 1823 foi transferido para a Fortaleza de Santa Cruz no Rio de Janeiro. Imediatamente mudou o nome de sua publicação e o editou de dentro da cadeia: agora em tom de ironia afiada o jornal de Cipriano Barata passava a se chamar "Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco Atacada e Presa na Fortaleza do Brum por Ordem da Força Armada Reunida". Conforme era transferido, Cipriano apenas alterava o local da "guarita". Ao todo passa sete anos no cárcere, sendo transferido periodicamente do Rio para a Bahia e também para Recife. Em cada lugar novo em que se instalava, Cipriano prontamente organizava meios para continuar escrevendo, mesmo que de dentro do cárcere, o seu periódico republicano e pró Independência em relação à Corte de Portugal.



Cipriano Barata, um patriota acima de tudo.

Cipriano foi um líder popular que participou ativamente do processo de Independência, projetando-se também nas discussões sobre as bases de construção de uma nova nação brasileira.

Em suas lutas, seu espírito combativo lhe rendeu polêmicas em torno de questões como o fim do colonialismo português, o imperialismo inglês e o escravismo brasileiro. Era a favor de uma igreja ligada à luta dos oprimidos: uma de suas marcas era sua paixão abolicionista, lutando pelos direitos dos escravos, como também, de forma precursora, lutando também pelos direitos das mulheres ainda numa sociedade profundamente desigual e opressora nesse sentido. Sua erva libertária reverberou no século seguinte, quando foi divulgado o primeiro

manifesto feminista do Brasil, em 1923. Cipriano Barata foi um anunciador de novos mundos - um defensor incansável da Independência.

Foi um dos civis que mais passou pelo cárcere nesse período histórico do Brasil. Um dos principais nomes da Conjuração Baiana, também revoltoso das movimentações em torno da revolta republicana de 1817 em Pernambuco, vindo a fundar o comitê de anistia no ano seguinte. Em sua produção jornalística esses temas todos eram constantes, como quando denunciou a precariedade da primeira constituição brasileira de 1823. Chegou a colaborar na organização da Confederação do Equador. Defendeu a abdição do imperador e envolveu-se em todos os motins que pode durante o período regencial. Sua opção pelo popular também se traduzia na forma como ele se vestia: trajava chapéu de palha, casaco rústico de algodão, sapatos de couro de bezerro e nas mãos uma bengala e um ramo de café - uma típica representação do Brasil. Nasceu em 1762 em Salvador, fez seus primeiros estudos com os jesuítas e se formou em filosofia e medicina na Universidade de Coimbra. Cipriano Barata morreu em Natal no dia 1º de julho de 1838 - dois anos após ter largado o jornalismo e a política. ■

O QUE FOI A CONJURAÇÃO BAIANA

Também chamada de "A Revolta dos Alfaiates" e de "Inconfidência Baiana" - ocorreu na Bahia em 1798. Movimento inspirado nas idéias do Iluminismo francês. Participaram a pequena burguesia e populares (pedreiros, sapateiros, cabeleiros, soldados e alfaiates, etc.).

Quando em julho de 1797 foi fundada na Bahia uma loja maçônica, por influência de um militar francês que morava ali, muitas pessoas de influência política e social se filiaram à loja "Cavaleiros da Luz". Assim as idéias iluministas eram difundidas entre os baianos. A idéia de separação do Brasil da

coroa portuguesa encontrava nessas idéias liberais uma forma de mudança. Em agosto daquele ano (1797), apareceram nos muros da cidade de Salvador cartazes clamando o povo para o movimento revolucionário que tomava como exemplo os acontecimentos de 1789 da França. Não demorou para o movimento ser sufocado com a prisão de 49 pessoas. Os integrantes do movimento que eram filiados à maçonaria não foram indiciados nos autos - a sorte dos outros foi diversa: alguns foram exilados em Fernando de Noronha e alguns até mesmo foram enforcados. ■



Frei Caneca, preso e executado pela corte portuguesa.

A CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

Outro movimento separatista de 1824 ocorreu na Província de Pernambuco. eclodiu em função da dissolução da Assembléia Constituinte por determinação do Imperador D. Pedro I - fato ocorrido no ano anterior e que provocou revolta e protestos em outras províncias também. O rebelde Manoel de Carvalho Paes de Andrade, que fazia parte da junta de governo que D. Pedro dissolveu, negou-se a entregar o poder para o outro governador indicado pela corte. Organizando um levante, Paes de Andrade declarou uma ruptura para com o poder da Corte Portuguesa, estabelecendo em Pernambuco uma República que se inspirava na constituição da Colômbia e que tinha bandeira própria. Entre os participantes do movimento estava o redator do jornal O Typhis Pernambucano, o frade carmelita Joaquim do Amor Divino Rebelo e Caneca, o Frei Caneca, que viria a ser preso e executado em função do levante. ■

da Agência Internacional Reuters, ainda em 1877. Nabuco pode ser considerado o primeiro correspondente internacional da imprensa brasileira.

ra. De volta ao Brasil em 1884, elege-se sucessivamente em 1885, 87 e 89 como deputado. Depois da proclamação da República, Nabuco dedica-se exclusivamente ao jornalismo e às letras, tornando-se redator-chefe do Jornal do Brasil (fundado em 1891).

Tal como Joaquim Nabuco, alguns de seus contemporâneos também se tornaram nomes que marcaram a história da imprensa no Brasil. É o caso de Rui Barbosa (1849 a 1923), que frequentou a Faculdade de Direito de São Paulo. Também foram colegas do curso de Direito o poeta Castro Alves, Afonso Pena e Rodrigues Alves, que mais tarde viria a se tornar presidente da República em 1902. Este último havia também sido colega de Nabuco dos tempos do Colégio D. Pedro II em Lisboa.

Além de Rui Barbosa, que participou da criação da Sociedade Abolicionista da Bahia junto com o poeta Castro Alves, outro grande contemporâneo de Nabuco e que tinha uma profunda relação com a imprensa da época foi o seu amigo, o escritor Machado de Assis,



Missa campal de Ação de Graças que reuniu cerca de 20mil pessoas para celebrar a abolição da escravatura - 17/05/1888, no Rio de Janeiro.

SÉCULO XX

O ENCANTO DAS RUAS NA BELLE ÉPOQUE BRASILEIRA

O período que se segue à "imprensa panfletária" das campanhas abolicionistas e republicanas é de consolidação de um jornalismo mais livre no Brasil. Desde meados da última década do século anterior já existem bancas de jornais em São Paulo e no Rio de Janeiro tal como estas se caracterizam hoje.

Desse momento em diante destacamos Euclides

A FUNDAÇÃO DA ABI

Em uníssono com as comemorações dos 200 anos de imprensa no Brasil, 2008 também marca o centenário da fundação da Associação Brasileira de Imprensa, fundada em 7 de abril de 1908 por Gustavo de Lacerda no Rio de Janeiro. A criação da entidade significa um importante passo na história da construção da identidade profissional do jornalista no Brasil.

A primeira sede provisória da ABI foi numa sala que ficava num pavimento superior do prédio onde funcionava o jornal O Paiz. A profissão de jornalista no começo do século XX dava abrigo a perfis muito diversos. Era comum jovens com aspiração ao mundo literário buscarem abrigo no jornalismo como meio de vida. Muitos desses aspirantes a literatos eram estudantes de direito e a criação de uma entidade representativa de classe foi decisiva para uma imagem mais consolidada do profissional de imprensa.

O nome do jornalista José Barbosa Lima Sobrinho é sem dúvida a referência mais forte da atuação da ABI na recente história do Brasil. Presidente da ABI por várias gestões, sua atuação foi sempre direcionada pelos valores da democracia e da liberdade de expressão. Foi Barbosa Lima Sobrinho o responsável direto em 1992 pelo pedido de abertura do processo de impeachment do presidente Fernando Collor de Mello. Hoje quem está à frente da ABI é o jornalista Maurício Azedo, que tomou posse de seu cargo em 13 de maio de 2004. Entre os ideais que norteiam a entidade está o de "estimular entre os jornalistas o sentimento de preservação do patrimônio cultural e material da Pátria", como declarou o então presidente da ABI em 1969, o jornalista Fernando Sigismundo.

da Cunha, João do Rio e Lima Barreto. Três grandes escritores que também são três grandes nomes da história do jornalismo brasileiro. Obviamente que com uma escolha assim corre-se o risco de se cometer falhas ao desprestigiar este ou aquele jornalista. Mas no caso desses três nomes, a escolha se dá em função de sua representatividade em relação à época - a passagem do século XIX para o século XX.

O Brasil já é uma república federativa quando irrompe no sertão baiano o incidente de Canudos. A convite de Júlio Mesquita, grande patriarca da família que irá

comandar o Estado de São Paulo, Euclides da Cunha segue para o interior da Bahia como correspondente de O Estado de São Paulo. Ele acompanhará os eventos em torno do movimento de Antonio Conselheiro de 7 de agosto a 1º de outubro de 1907. De suas matérias como correspondente do Estadão seu talento extrairá a matéria prima para o mergulho caudaloso de Os Sertões - obra naturalista que descreve com minúcias de pesquisador a caatinga, sua fauna e flora e o seu drama humano no contexto histórico. Os Sertões é uma das primeiras grandes obras jornalísticas brasileiras. Nela o olhar de Euclides da Cunha reconstrói toda a diversidade da vida no interior do Brasil, quase como o retrato de uma essência esquecida pelos hábitos urbanos.

Se em São Paulo a modulação do jornalismo no começo do século XX era pesada como o texto de Euclides da Cunha, no caso do Rio de Janeiro, a vocação da cidade rendeu uma situação muito mais fluida. O jornalismo carioca do começo do século XX inspira um semblante não tão fechado, principalmente na figura de um de seus mais requintados polemistas, Lima Barreto e também a perspicácia detalhista de João do Rio.

Lima Barreto era um espírito precursoramente moderno em sua essência. De origem humilde, trazia em sua erva crítica toda uma acidez focada nos signos da vida mundana das elites cariocas. Mulato, sofreu as marcas do preconceito racial e sua atuação na



Em sentido horário: Machado de Assis, João do Rio, Euclides da Cunha e Lima Barreto.



LIBERDADE DE EXPRESSÃO

TRAJETÓRIA DAS SOMBRAS: RELAÇÕES ENTRE PODER E IMPRENSA

Alonso da história a imprensa brasileira sempre desenvolveu um significativo papel na construção da política nacional. Vínculo este que se explicita perante uma rápida análise de como essa posição historicamente ativa de alguma maneira manteve-se principalmente em relação à mobilização da opinião pública em torno de causas revolucionárias. Tendência que se observa desde o começo da imprensa brasileira com a Independência, a causa abolicionista e a implantação da república como forma política. Seguindo essa linha, a imprensa brasileira vai desempenhar um papel fundamental nos movimentos de 1922 e 1924, e que viriam a culminar com a Revolução de 30. O mesmo acontecerá com relação aos fatos ligados ao período ditatorial entre as décadas de 60 e 80, bem como com a campanha das Diretas na redemocratização do país.

AS DITADURAS

O momento histórico seguinte no qual pode se observar essa relação entre imprensa e política no Brasil dá-se com a Revolução de 30. O Governo Provisório de Getúlio Vargas (1930-1934) concede ampla anistia aos condenados por participação nos movimentos revolucionários e por delitos na imprensa. Mas a censura logo volta de novo, agora sob a pretensa alegação de que assim se pode garantir a ordem pública. Um dos episódios mais significativos da relação da era Vargas com a imprensa foi quando os tenentes do Clube 11 de Outubro, representantes significativos dos setores que haviam dado suporte para a ascensão de Vargas ao poder na Revolução de 30 chegaram às vias de fato com o empastelamento do Diário Carioca em 25 de fevereiro de 1932. Em solidariedade, todos os jornais do Rio de Janeiro paralisam suas atividades em protesto por 24 horas. Na década seguinte, já dentro do contexto dado pelo Estado Novo, e apesar de assegurados os direitos de livre manifestação do pensamento pela constituição de 1934, Getúlio Vargas vai exercer plenamente a censura à imprensa, caçando os direitos políticos de vários jornalistas e obrigando-os a se exilarem. O DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda - é criado por decreto em 30 de dezembro de 1939. Logo no primeiro ano de funcionamento 420 jornais e revistas não obtiveram registro e 61 tiveram de suspender

imprensa pode ser reconhecida como um documento das lutas contra as discriminações de qualquer ordem. Trabalho em diversos órgãos de imprensa e era simpático ao anarquismo como doutrina política.

Como contraponto à imagem do jovem aspirante a intelectual de origem humilde vinculada a Lima Barreto, João do Rio produziu toda uma mística pessoal como o dândi baudelaireano que transitava pelos salões da elite carioca no começo do século XX. Desse contraponto suscitado de suas imagens pessoais desenvolveu-se uma rusga entre os dois jornalistas-escritores e que repercutiu na imprensa da época. Conta-se que João do Rio chegou mesmo a sabotar o lançamento de Lima Barreto por um editor em Portugal, tamanho era o desacordo entre os dois. Desentendimentos à parte, João do Rio (João Paulo Emilio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, seu verdadeiro nome) foi um flâneur aclimatado às ruas de Copacabana, percorrendo uma ruípiante metrópole em construção. Conseguiu através de seus artigos compor um retrato de época que vai desde as altas rodas da sociedade até a favela. Um dos seus trabalhos mais relevantes é As Religiões do Rio - estudo das crenças que compunham o mosaico cultural carioca onde João do Rio explora toda a sua versatilidade como narrador.

Ao justapor esse três grandes vultos históricos do Brasil evidencia-se a relação de proximidade entre a literatura e o jornalismo no Brasil do começo do século XX. Euclides da Cunha, Lima Barreto e João do Rio são os primeiros nomes na história brasileira da reportagem como gênero jornalístico. ■

EPITÁCIO PESSOA

Tudo esse envolvimento é proporcional à repressão que a imprensa sofre no curso de sua consolidação. O início do século XX é marcado pelo surgimento de uma imprensa operária, com publicações sindicais e também o desenvolvimento da imprensa anarquista. E preocupado com a rápida projeção desse tipo de imprensa no meio operário que o então pre-



GAZETA DO PARANÁ
Um grande jornal todos os dias.

DIRETOR-PRESIDENTE
Marcos Formighieri

DIRETOR ADMINISTRATIVO
Guilherme Formighieri

PESQUISA
Adriana Hartmann
Bacharel em História pela UFRP

REDAÇÃO
Prof. Dr. Sílvio Demétrio
Doutor em Epistemologia da Comunicação pela ECA-USP

DESIGN: Douglas Menegazzi

CONTATO
Rua Fortunato Bebber, 608
Cascavel - Paraná - Brasil
CEP 85800-360
PABX: +55 45 3218-2500

A INTERNET E ALÉM

TECNOLOGIAS DIGITAIS IMPLICAM EM NOVAS POSSIBILIDADES PARA O JORNALISMO DIÁRIO IMPRESSO

Sob o ponto de vista da história, a perspectiva do determinismo tecnológico no campo da comunicação é uma forma de reducionismo sempre sedutora. A idéia de que cada nova tecnologia provoca mudanças irreversíveis no plano da mídia e, principalmente, torna obsoletas as tecnologias anteriores daquele campo. É como se a tecnologia em si mesma tivesse o poder de definir o curso da história.

A técnica representa uma dimensão importante da vida em sociedade, mas é um exagero conceber as tecnologias de comunicação como o princípio mesmo das forças históricas. De fato, o que uma nova tecnologia provoca é a acomodação dos modelos anteriores num novo contexto. Foi assim com a entrada da TV e agora não é diferente com a internet.

No início do processo de expansão do jornalismo on-line brasileiro, em meados da década de 90, eram recorrentes as interpretações de tom apocalíptico. Via-se a web como o veredicto do jornal impresso. A história da relação entre jornalismo e internet no Brasil começa em 1994, quando a Embratel lança em caráter experimental a internet comercial. O primeiro jornal a ter suas edições disponibilizadas na rede foi o Jornal do Brasil, a partir do dia 28 de maio de 1995 - mas seu conteúdo era apenas a transposição do conteúdo impresso.

O jornalismo on-line começa efetivamente com a primeira página noticiosa em língua portuguesa feita a partir de uma cobertura em tempo real, o Brasil On-line, lançado em 1996, hoje Folha On Line. A partir desse marco o jornalismo na internet vai crescer em proporções geométricas no Brasil e no mundo. Apesar dessa nova

forma de levar notícias a um público leitor, o jornal impresso coloca-se sob uma nova perspectiva. Os grandes jornais vão aderir a essa nova tecnologia sem, no entanto, suprimirem suas edições impressas.

A entrada em cena do jornalismo on-line é uma perspectiva complementar à prática do jornalismo como um todo. Diante do novo meio, os jornais e revistas impressos passam a desempenhar novos papéis em relação aos seus públicos leitores. Hoje o setor da imprensa escrita está muito mais vinculado a uma perspectiva de aprofundamento e leitura crítica do que a mera difusão de informação.

A grande tendência contemporânea é o jornalismo especializado de cunho interpretativo - a dimensão factual do jornalismo típico do modelo hard news expandiu-se no jornalismo on-line, consolidando-se também na TV. Cabe muito mais hoje ao jornalismo impresso precipitar a opinião do público leitor do que informá-lo tão somente. Nesse sentido a internet estabeleceu-se como veículo de cobertura em tempo real.

Tais mudanças implicaram em reformas substanciais dos meios impressos. As edições tornaram-se mais concentradas, com um espaço compacto, porém explorado de maneira mais criteriosa quanto ao conteúdo. Nesse sentido, a diagramação e a produção gráfica do jornalismo contemporâneo atingiram níveis de sofisticação de alto padrão. É o caso de um novo formato de jornalismo que foi implementado pelo Metro - franchising de origem sueca que distribui gratuitamente uma tiragem de 22 milhões exemplares todos os dias nas imediações dos metrô dos grandes centros urbanos da Europa, Américas e Ásia. É o maior jornal internacional impresso do mundo.

Na década de 80 o jornalismo impresso americano havia sofrido uma forte influência do USA Today, que transpunha para a página uma concepção decalcada do texto do jornalismo televisivo - o tratamento da imagem fotográfica no jornal também era fundamentado numa lógica própria da TV. Hoje é o hipertexto do jornalismo on-line que abre novas possibilidades para o po-

der de criação de editores e jornalistas. Uma página de jornal não funciona mais da mesma maneira que há dez ou vinte anos. A relação entre os conteúdos é muito mais dinâmica. Existe um design de informação que migra do suporte on-line para as páginas impressas. A preocupação é muito maior no sentido de expandir a profundidade da informação, daí a tendência ao jornalismo interpretativo no campo do impresso.

Todo dinamismo de relações entre os diferentes meios sempre foi uma oportunidade de criação e crescimento em termos de mídia. O meio digital provocou uma convergência de todos os meios para essa nova linguagem que transforma os suportes tradicionais. Quem sai ganhando com isso é o público leitor, cuja disponibilidade de informação se torna incomparável a qualquer outro momento histórico. Ao mesmo tempo, surge a criação de uma forma de prestação de serviços na qual o jornalismo impresso se torna um guia de aprofundamento e compreensão de toda essa informação. Internet e jornalismo impresso se complementam. Se a "era da comunicação de massa" foi o império da informação, a "era digital" está se convertendo no domínio absoluto do conteúdo.

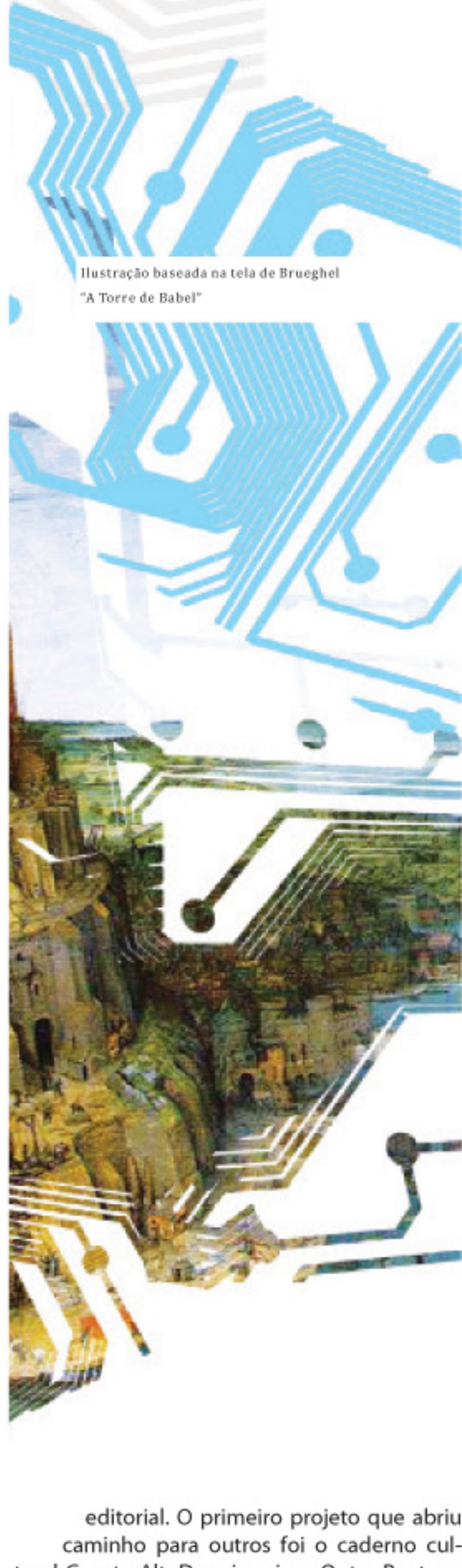
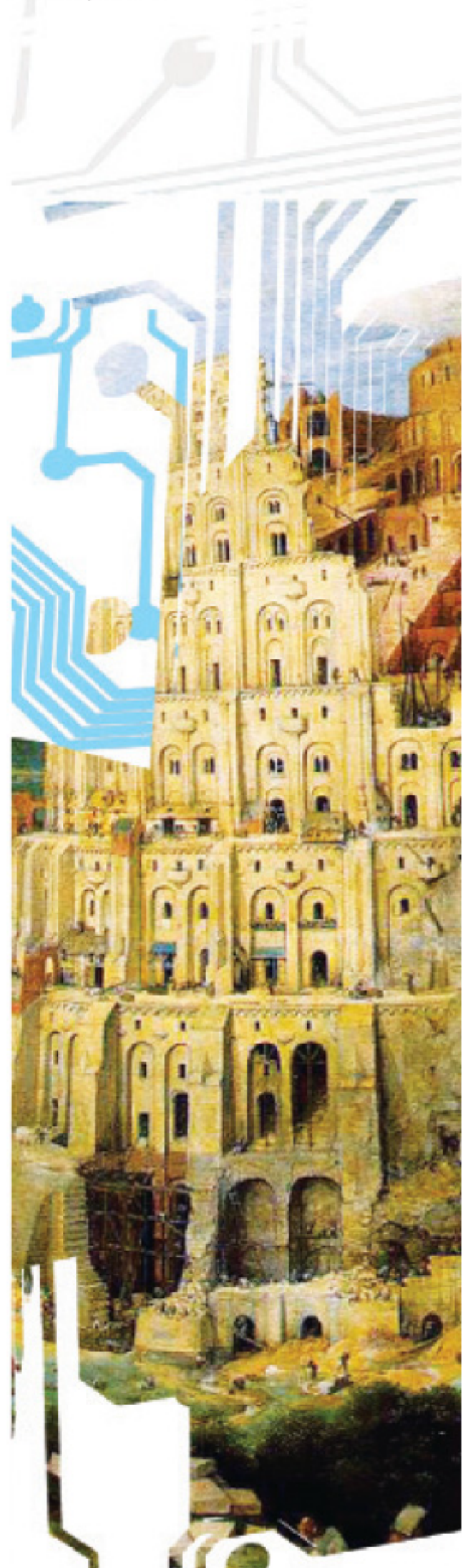


Ilustração baseada na tela de Brueghel "A Torre de Babel"

SÉCULO XXI

O UM JORNAL DO TAMANHO QUE CASCAVEL E SEU PÚBLICO MERECEM TER TODOS OS DIAS

O significado do dia da imprensa num contexto regional é o que pode ser verificado na consolidação de um jornal diário com as proporções que a Gazeta do Paraná tem. Com mais de 100 funcionários em Cascavel e mais 40 em sua sucursal em Curitiba, a Gazeta do Paraná foi fundada no dia 22 de novembro de 1991. São 17 anos de exercício democrático

da liberdade de expressão como compromisso fundamental com seu público leitor.

Seu fundador e diretor, Marcos Formighieri, começou sua trajetória com a Rádio União em Toledo. Em seguida ampliou sua atuação com a Rádio Hawaii em Capitão Leônidas Marques. Isto ainda na década de 80. Com uma trajetória enquanto homem público em Cascavel, sua personalidade visionária representa toda a região numa escala nacional. Além de seu empreendedorismo no campo da comunicação, Marcos Formighieri é formado em Direito, Administração e Economia. A Gazeta do Paraná é seu maior projeto e hoje divulga o nome da cidade para uma área de abrangência de 250 municípios.

PIONEIRISMO

O pioneirismo aliado à perspectiva de crescimento sempre foi uma marca do jornal, como quando a Gazeta do Paraná se tornou colorida em 1994, adiantando esse tipo de inovação em pelo menos 4 anos frente aos outros jornais da região. A Gazeta do Paraná também foi o pri-

meiro jornal de Cascavel a ter um endereço na Web. O pioneirismo também lhe confere a autoridade da tradição para manter sua identidade como único jornal em formato standard a circular em toda a região. Característica que, ao ser mantida pelo jornal, reforça sua identidade ao mesmo tempo em que coloca à disposição de seu público anunciante possibilidades gráficas mais atraentes na apresentação de seu conteúdo publicitário.

Toda essa tradição de ponta dá ao veículo uma ligação orgânica com a região Oeste. Uma segunda geração já está incorporada à vida e dinamismo do jornal na figura de seu diretor administrativo, Guilherme Formighieri. Em novembro deste ano a Gazeta do Paraná comemora seus 17 anos de existência como um veículo de comunicação consolidado.

ESPECIALIZAÇÃO

Para assegurar um jornal do tamanho que Cascavel merece a Gazeta investe hoje numa linha editorial de cadernos especiais. A diferenciação é parte fundamental de sua política

editorial. O primeiro projeto que abriu caminho para outros foi o caderno cultural Gazeta Alt. Depois veio o Outra Pauta, o primeiro caderno de jornalismo narrativo do Paraná. Agora, a partir de amanhã, começa a circular o caderno Pensando Educação - uma proposta de reflexão didática sobre o ensino na região Oeste. Ainda está programado o lançamento de um caderno com conteúdo exclusivo direcionado para a área de agro business.

JORNALISMO DE PONTA

A Gazeta do Paraná ainda conta com o respaldo do primeiro e único portal de hard news do Paraná: o site da Central Gazeta de Notícias, a CGN. Criada em 28 de novembro de 2006, o site da CGN excedeu um número de 116 mil visitas só no mês de abril passado. Número que amplifica a visibilidade de uma produção que integra o melhor do jornalismo efetivamente on-line da região com uma leitura crítica desdobrada no conteúdo impresso da Gazeta do Paraná. A integração dinâmica da equipe de jornalismo on-line da CGN com a redação da Gazeta do Paraná significa uma experiência de jornalismo de ponta. O editor Paulo Alexandre da Gazeta do Paraná e o editor do portal CGN, Ivan Zuchi realizam diariamente com seu público leitor o compromisso de disponibilizar e garantir a melhor informação, com crítica e isenção.